# A luta por uma Nova Ordem do Oeste Asiático | Carta semanal 44 (2026)



Abdul Halim Radwi (Arábia Saudita), *Artes e melodia* , 1989.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos, juntamente com as antigas potências coloniais Grã-Bretanha e França, passaram a dominar grande parte da Ásia Ocidental, do Mar Mediterrâneo às montanhas do Hindu Kush. À medida que a região se consolidava como uma importante produtora de petróleo e gás natural – os combustíveis da era industrial moderna – os Estados Unidos construíram uma rede de bases militares e trabalharam com seus aliados da Otan para garantir que nenhum regime que buscasse afirmar a soberania nacional sobre o sistema petrolífero pudesse consolidar seu domínio (o golpe de 1953 contra o governo de Mohammad Mosaddegh, após a nacionalização da Companhia Anglo-

Iraniana de Petróleo, foi um exemplo precoce e marcante disso).

Com o recuo do poder britânico na região durante as décadas de 1960 e início de 1970 – incluindo no Kuwait, Catar, nos Xarifados da Trégua (atual Emirados Árabes Unidos) e no Iêmen – os Estados Unidos expandiram seu próprio papel militar para manter o controle ocidental sobre as rotas petrolíferas da região. Israel, que desde a sua fundação atuou como subcontratado do poder ocidental no Oriente Médio, tornou-se um componente importante dessa arquitetura liderada pelos EUA, agora sob forte pressão, visto que a capacidade do Irã de resistir ao ataque de Israel e dos Estados Unidos este ano levanta questões sobre sua durabilidade.



M. F. Husain (Índia), *Iêmen*, 2008.

Nesse contexto, a Arábia Saudita, a Turquia e o Paquistão assinaram o **Acordo Conjunto de Defesa de Meca** em agosto, uma tentativa significativa de construir uma plataforma de segurança regional sem a participação direta dos EUA. Isso ocorre em meio a um debate no Golfo, acirrado pelos ataques do Irã a bases militares estadunidenses, sobre se essas instalações oferecem proteção ou, ao contrário, expõem os países anfitriões a represálias. Agora que as tropas dos EUA se retiraram formalmente do Iraque, a cláusula do acordo que permite a adesão de outros países torna provável que o Iraque ou Estados menores da Península Arábica

busquem a participação.

Ao mesmo tempo, o Ansar Allah – que controla Sanaa, a capital do Iêmen, e grande parte do norte e oeste do país – avançou para ocupar posições-chave ao longo da costa do Mar Vermelho, espelhando assim a posição estratégica do Irã no Estreito de Ormuz. Em setembro, as forças do movimento tomaram Mokha e a ilha de Mayyun, obtendo o controle de pontos estratégicos ao redor de Bab el-Mandab, a porta de entrada sul para o Mar Vermelho. A navegação pelo estreito agora está ao alcance dos mísseis e drones do movimento. Em resposta, a Arábia Saudita e seus aliados mobilizaram cem aeronaves de combate para atacar posições do Ansar Allah no Iêmen, como parte da Operação Aurora do Iêmen, renovando uma intervenção militar contra o movimento que teve início em 2015.

Se Ansar Allah conseguir interromper o transporte marítimo através de Bab al-Mandab enquanto as restrições ao transporte marítimo através do Estreito de Ormuz persistem, apesar das negociações entre o Irão e Omã, então o comércio de petróleo da Península Arábica será gravemente perturbado e a porta de entrada para a rota marítima mais curta entre a Europa e a Ásia através do Canal de Suez será efectivamente fechada.



Dahlia Baasher (Sudão), *Era de ouro*, 2025.

Enquanto isso, do outro lado do Mar Vermelho e ao longo do Chifre da África, os Emirados Árabes Unidos expandem sua influência estratégica por meio de uma combinação de desenvolvimento portuário e infraestrutura militar, estreitas relações políticas, apoio a grupos armados e acesso a redes regionais de comércio e recursos. Em 2015, os Emirados Árabes Unidos estabeleceram uma base militar em Assab, na Eritreia, expandindo um porto e uma pista de pouso próxima, de onde aeronaves dos Emirados atacaram o Iêmen. No ano seguinte, a DP World, uma empresa de portos e logística estatal de Dubai, assumiu o controle do porto de Berbera, na Somalilândia, um território autônomo que declarou independência da Somália em 1991. A presença emiradense no Chifre da África também está intimamente ligada à guerra, dado o seu apoio às Forças de Apoio Rápido (RSF) na guerra civil sudanesa e ao Exército Nacional Líbio do General Khalifa Haftar (que, por sua vez, fornece apoio logístico às RSF). Os laços dos Emirados Árabes Unidos com esses

grupos armados se cruzam com as redes regionais de comércio de ouro, por meio das quais o ouro ligado às Forças de Apoio Rápido (RSF) e a outros grupos armados fluiu para os mercados dos emirados.

Em nível regional, os Emirados Árabes Unidos tornaram-se um pilar fundamental na tentativa dos EUA de construir um paradigma de segurança regional em torno da cooperação entre Israel e seus parceiros árabes. Em 2015, Israel anunciou a abertura de uma missão na sede da Agência Internacional de Energia Renovável em Abu Dhabi, sua primeira presença oficial nos Emirados Árabes Unidos. Em setembro de 2020, os Acordos de Abraão estabeleceram relações diplomáticas entre Israel e os Emirados Árabes Unidos e, dois anos depois, as duas partes assinaram um **Acordo Abrangente de Parceria Econômica**. Essa reaproximação estava inserida em um plano dos EUA para que os dois países se juntassem a Washington no desenvolvimento de uma agenda estratégica regional. A lógica política era integrar Israel ao seu entorno, deixando a questão palestina sem solução. Seus interesses têm convergido cada vez mais no Chifre da África, particularmente em torno da Somalilândia. Em 2025, Israel tornou-se o único Estado-membro da ONU a reconhecer a Somalilândia como independente. Os Emirados Árabes Unidos, embora não tenham chegado a reconhecer a Somalilândia diretamente, estariam pressionando a Argentina, Eswatini, Zâmbia e República Dominicana para que sigam o exemplo de Israel, um reconhecimento que poderia aumentar as tensões com a Somália. Hoje, porém, a crescente incerteza em relação à ordem de segurança liderada pelos EUA, sobre a qual essa relação foi construída, levou Israel a depender mais de seu parceiro mais próximo nos Acordos de Abraão, os Emirados Árabes Unidos. Essa dependência tem seus limites: um alinhamento mais estreito com Israel acarreta custos políticos para os líderes dos Emirados Árabes Unidos, mesmo que a relação ofereça a Israel acesso econômico e relevância diplomática.

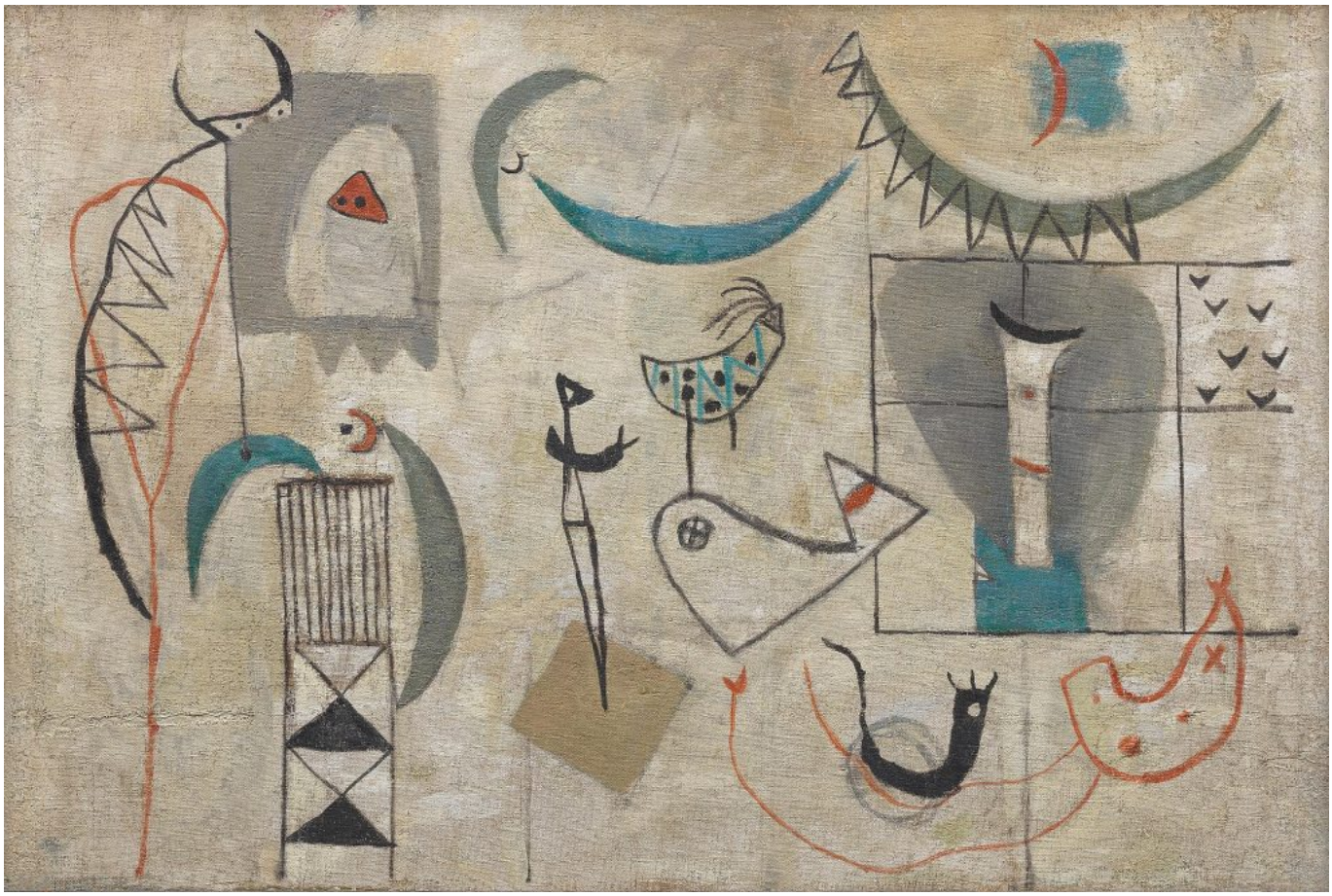


Almaha Jaralla (EAU), *Al Dayan*, 2022.

Essa incerteza crescente reflete o enfraquecimento da antiga arquitectura do domínio militar dos EUA na região, que proporcionou a Israel um sentimento de impunidade para manter o seu regime de apartheid e

continuar o seu genocídio contra os palestinos. O poder dos EUA já não pode ser considerado invencível. As experiências do Afeganistão e do Iraque – onde os EUA acabaram por não conseguir vencer – bem como da Líbia, que os EUA e a França com os seus aliados do Golfo Árabe destruíram, e agora o Irã, onde os EUA foram derrotados estrategicamente, apontam para um padrão recorrente. Os Estados Unidos podem destruir países, mas não necessariamente controlá-los. O que fará Israel sem o seu principal aliado (os EUA) e os seus aliados menores (os europeus) se reduzirem a sua presença na região? Tendo assegurado o petróleo na Venezuela e procurando controlar os vastos recursos estratégicos do Brasil, incluindo o seu petróleo e terras raras, os EUA protegeram as suas apostas contra a perda de controle sobre o petróleo na Ásia Ocidental. Essa cobertura reduzirá o incentivo de Trump para continuar conflitos que são invencíveis.

A erosão generalizada da confiança nas garantias de segurança dos EUA talvez seja mais evidente no Iraque. Washington anunciou a conclusão da retirada de suas tropas em 30 de setembro deste ano, cumprindo o cronograma negociado com Bagdá em 2024. As comemorações em Bagdá representaram uma forte afirmação de soberania. Essas comemorações não devem obscurecer o significado controverso da retirada. Um dos principais grupos paramilitares, o Kataib Hezbollah, contestou as alegações oficiais de uma retirada completa, afirmando que aeronaves estadunidenses continuaram operando no espaço aéreo iraquiano. Para um país devastado pela invasão ilegal de 2003 e suas consequências, a retirada carrega um peso histórico incontornável. Ela mina a premissa de que as tropas estadunidenses devem permanecer indefinidamente como as organizadoras indispensáveis da segurança iraquiana.



Jewad Selim (Iraque), *Bom e mau, uma abstração*, c. 1951.

Em conjunto, esses desenvolvimentos apontam para uma reconfiguração mais ampla do poder e da segurança no Oriente Médio e no Mar Vermelho. A capacidade do Irã de resistir ao ataque conjunto EUA-Israel e a retirada dos EUA do Iraque expuseram os limites do poderio militar estadunidense, enquanto o Acordo de Meca e as mudanças nas parcerias regionais demonstram que os governos buscam novas maneiras de garantir seus interesses. Este ainda não é um Oriente Médio sem os Estados Unidos. Washington mantém influência por meio de parcerias militares, armamentos, inteligência e presença militar em outros lugares. A retirada de um país não deve ser confundida com a retirada de toda a região. Esses novos arranjos também não se opõem necessariamente aos Estados Unidos: alguns estão sendo construídos em paralelo com as conexões estadunidenses existentes, enquanto outros vão além delas. O que está mudando é a confiança no poder dos EUA como uma garantia de segurança estável e suficiente.

Para as forças progressistas, o teste essencial é a segurança a quem serve qualquer ordem regional emergente. Uma nova arquitetura de segurança que protege governos, investimentos e rotas estratégicas, ao mesmo tempo que reproduz a dominação externa, o controle desigual sobre os recursos e a destruição da vida palestina, não pode proporcionar soberania e paz genuínas. A autonomia regional deve ser medida pela sua capacidade de promover a soberania popular e a liberdade palestina.



Hakim Al-Akel (Iêmen), *Olho do pássaro*, 2014.

Em 1986, o grande poeta iemenita Abdullah al-Baradouni (1929–1999) publicou seu belo poema "O Mustafa" (يا مصطفى). Sei que o poema é longo, mas sinto que ele captura o espírito do nosso momento atual em toda a região, do Iêmen e Irã ao Sudão:

> Que bombardeiem: você não pode ser destruído.
> Que se enfureçam: você é ainda mais feroz.
> Que se reúnam: você sabe que
> aqueles que aterrorizam são os que mais temem.

Mais ricos, porém mais miseráveis;
mais fracos, porém mais brutais.
Mais aparentes, porém mais escondido;
mais desgraçado, porém mais arrogante.
Eles têm ferro e fogo,
mas são mais frágeis que palha.
Eles temem a possibilidade da morte;
você está mais familiarizado com ela,
mais atraído pelo perigo,
mais resoluto em suas decisões.
Pois eles são devotos de seus desejos,
e você é mais devoto do povo.
Assim, você enfrenta exércitos
de um vazio ornamentado.
Eles dividem o que já está dividido,
classificam o que já está classificado.
Eles engrossam as defesas ao seu redor;
você é uma presença ainda mais densa.
Você se derrama como o imprevisto,
avança como vulcões.
Você desce em cascata como festival e primavera,
estende-se em refúgio de inverno e morada de verão,
seiva em cada raiz,
um pulso em cada instrumento.
Jamais a espera disse de ti:
ele se curvou ou se desviou.
Jamais uma estrela disse: ele diminuiu o ritmo.
Jamais uma aurora disse: ele ficou para trás.
Tu corres contra o tempo: ele se cansa,
e tu não paras.
Tu arrastas o sol atrás de ti como um trem
e vestes a noite como um sobretudo.
Tu confundiste aqueles que disseram: ele vai longe demais,
e aqueles que dizem: ele é extremista.
O caminho do meio é uma morte mais dura,
embora o tenham chamado de mais suave,
pois se contentam mais com distrações,
mais hábeis em descrever a falsidade.
Para você, covardia é covardia:
não há tipo mais grosseiro, nem tipo mais elegante.
Para você, a vergonha tem uma face mais repugnante
quando se apresenta mais encantadora.
Ah, Mustafa, que segredo se esconde
sob essa camisa esfarrapada?
Sua percepção é mais aguçada

porque sua estrutura é mais magra?
Seu coração é mais fértil
porque sua casa é mais modesta?
Seus sonhos são mais abundantes
porque seu rosto é mais marcado pela carência?
Por que você se importa mais com todos
do que todos aqueles mais inteligentes e instruídos?
Você canta a cada pulsação;
eles choram por um insulto a uma beleza esbelta.
Você conhece melhor o caminho para o horizonte,
conhece melhor as passagens subterrâneas,
compreende as escolhas mais profundamente,
descobre mais do que é estranho,
é mais eficaz em suas habilidades,
mais perspicaz quando a calamidade chega.
Atrás de você não há desvio;
à sua frente, não há como voltar atrás.
A distância não lhe traz desespero;
a proximidade não lhe traz arrependimento.
Pois sua preocupação é maior,
seu propósito mais honroso,
seu peito mais cheio,
seu bolso mais limpo.
Podem te quebrar, mas
você se ergue mais forte e mais sensível.
Você subiu alto como uma fruta madura
senão para ser apedrejado e colhido?
Podem te matar: você retorna
do alcance mais distante da morte, mais tempestuoso,
pois sua raiz cresce mais abundantemente,
seu curso d'água torna a terra mais fértil,
pois sua morte é mais viva
do que a vida de um milhão de homens de luxo.
Que todos lancem seus mísseis contra você:
só você tem maior força para lançar.
Eles perecerão, enquanto floresce
em você o que não pode perecer.
Pois você é o todo em uma só pessoa,
uma qualidade que nenhum molde pode conter.
Ah, Mustafa, ah, livro
composto por cada coração,
ah tempo que está por vir
e apaga este tempo falsificado.

Cordialmente,

Vijay